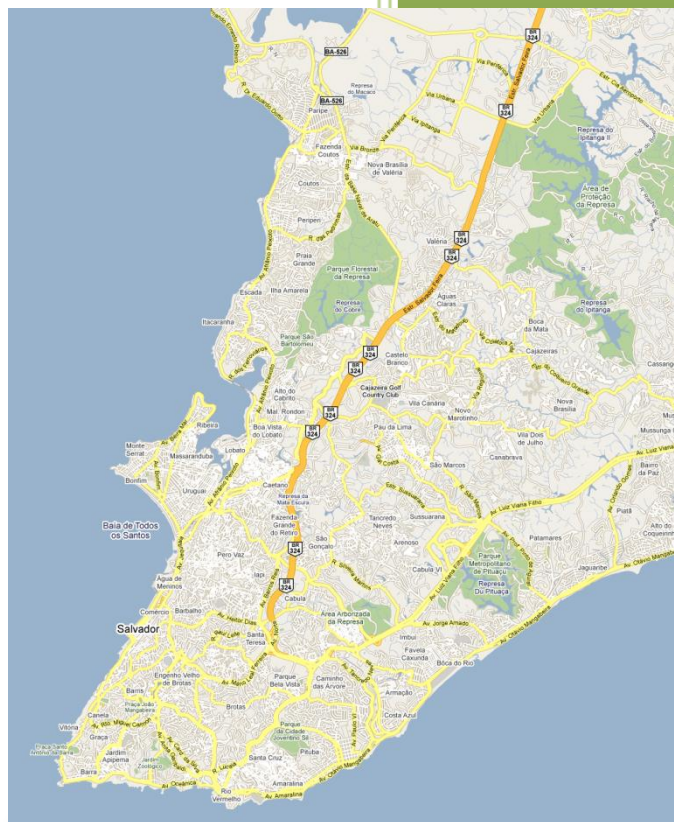


# 2010

## Revista Cidade em Letras

*e fotos*



Nesta edição:

- ✓ Colégio Central
- ✓ O educador Jayme Costa

e muito mais...

Universidade Salvador – UNIFACS  
Núcleo de Pesquisa e Projetos em Educação a Distância  
Licenciatura em Letras  
Pesquisa e Prática Pedagógica II

Adonai Medrado  
Ana São Pedro  
Andreza Mayah  
Gabriela Silva  
Janine Macedo  
Juliane de Oliveira  
Mainara de Jesus  
Neila Gonçalves  
Paula Marlei  
Rosilda de Jesus  
Verônica Ramos

## Revista Cidade em Letras (e Fotos)

---

*Imagem da Capa: Google Maps*

Trabalho apresentado como requisito  
parcial para aprovação na disciplina  
Pesquisa e Prática Pedagógica II.

Orientadora: Ana Cristina Farias  
Co-orientadora: Ana Paula Sobral

Salvador  
Junho, 2010

# Antes de tudo...

---

Salvador... Cidade linda, amada, cantada por Caetano, Gil e Betânea, descrita em amores por Jorge Amado, na alma quente de suas personagens. Motivo de canções, tema de poemas. Contada em detalhes por Marcos Ramos, que mostra em cada ponto da cidade uma peculiaridade, uma imagem marcante.

Itapoã ao cair da tarde acende sua luz. Na Barra, as pedras são cobertas pela maré. No Rio Vermelho o trânsito se faz confundir. Ônibus, carros, buzinas a confluír, numa poesia que Jorge Amado não viu.

Pois há muita mulher cravo e canela, e todas são como Gabriela, como Dona Flor descendo o Pelourinho, ou no colorido das janelas, jóias de Azeviche, da terra de Salvador. Na Lapa há muito mais que andejos errantes, há fila de pessoas, há espera de condução. Tem sorrisos, tem lágrimas, são vários os semblantes, muitas raças, num único pulsar de coração.

Em letras, poesias, canções e fotos, cidade preciosa. Na história, na vida, no rosto de seus filhos, morada da alegria.

Para Salvador, nomeada de “Cidade-poesia para os olhos”, Jorge Portugal escreveu:

Assim vejo você: inteira e dividida. Natureza de concreto que avança para o mar e separa o oceano da baía. Barroca na sua essência, só pode entendê-la quem coleciona opostos [...] Quando penso que não tenho mais palavras, a sua inspiração me arrebatava e enche meus olhos de poesia.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Trecho atribuído a Jorge Portugal por MAXPRESS NET. **Salvador retratada em imagens e palavras.** 2008? Disponível em <<http://www.maxpressnet.com.br/noticia.asp?TIPO=PA&SQINF=310876&EDIT=ER>>. Acesso em 31 de mai. de 2010.

# Editorial

A proposta desta revista mostrou-se interessante por vários aspectos. Tivemos a oportunidade de produzirmos um material que envolvesse toda a turma. Desenvolvemos habilidades de gestão e de trabalho em equipe. A temática lembra-nos da nossa história. Ela recorda que tanto na nossa cidade quanto nos muros de um colégio há algo a ser contado e que basta uma escuta atenta e reflexiva para aprender com o passado.

Como dizia o epistemólogo Gaston Bachelard, “mesmo no novo homem, permanecem vestígios do homem velho”<sup>2</sup>. Precisamos conhecer nossos vestígios para saber quem somos e para projetar quem seremos. Para responder como o homem contemporâneo vive, temos que compreender não só a contemporaneidade, mas também os processos históricos e culturais que o homem já vivenciou. Conhecendo a história fica um desafio: ser revolucionário, sem ser reacionário.

Intitulamos nosso trabalho de *Revista Cidade em Letras (e Fotos)*. Com ele pretendemos mostrar com letras e fotos um pouquinho da história de Salvador/BA e de seu povo. Cientes da incompletude de qualquer linguagem, nós sabemos que não conseguimos esgotar o tema, mas tentamos deixar a nossa contribuição da melhor forma possível.

Começamos com a história do Colégio Central. Fazendo jus ao nome que demos a revista, ele aparece em letras e fotos. Partimos dos seus dias de glória e chegamos até a situação de descaso em que se encontra hoje. Após conhecermos a instituição e sua estrutura física, trouxemos entrevistas e relatos de ex-alunos para sabermos um pouco das suas experiências.

Em seguida, apresentamos a biografia de um educador de sucesso da nossa cidade: Prof. Jayme Costa. Tanto nas entrevistas quanto no relato autobiográfico, há algo de reflexão. Esperamos ter não só ganhado, mas permitido um momento para que o próprio entrevistado pensasse na sua formação<sup>3</sup>.

Concluimos a revista como um aluno no seu segundo semestre de formação: com gosto de quero mais.

<sup>2</sup> BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contra ponto, 1996.

<sup>3</sup> SOUZA, Elizeu Clementino de. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 25, n. 11, p. 22-39, jan./abr. 2006.

# Sumário

História de uma antiga escola...	5
Central em Fotos	8
A palavra de uma ex-aluna!	9
A comunidade fala!	10
E a educação na cidade...	11
Biografia de um educador	12
Tirinha!!!	13

# Créditos



Gabriela Silva



Mainara de Jesus



Andreza Mayah



Adonai Medrado



Janine Macedo



Paula Marlei



Juliane de Oliveira



Verônica Ramos



Rosilda de Jesus



Neila Gonçalves



Ana São Pedro

## *História de uma antiga escola...*



**COLÉGIO CENTRAL:** Fundado a mais de 189 anos, o Colégio Estadual da Bahia (Central) nos últimos anos passou por um processo de decadência. Possui uma boa área externa, com muitas árvores, praças e algumas quadras de esporte. Ao todo quatro pavilhões compõem a estrutura física do colégio, que possui cerca de 800 alunos.

O prédio principal, pavilhão Dr. Francisco Conceição Menezes, foi o primeiro a ser construído e foi remodelado no governo de Antônio Moura Ferrão de Aragão. Hoje abriga a diretoria, a secretaria, a sala dos

professores e algumas salas de aula. O primeiro andar está desativado.

O pavilhão Garneiro Ribeiro foi construído em 1928. Lá funcionavam os laboratórios, onde os alunos tinham aulas práticas de química e biologia. Atualmente não existem laboratórios e o prédio está emprestado a uma escola de música.

O prédio chamado de pavilhão Rio Branco foi construído em 1911 e ampliado em 1945. É composto por salas de aula e recebe os alunos do Ensino Fundamental.

A escola possui um acervo que contém toda a sua história, com documentos antigos onde constam dados da instituição e do alunato que por ali passou. Porém, os visitantes não podem ter acesso a estes documentos porque eles estão passando por um processo de restauração a mais de três anos. Segundo o vice-diretor Gerson Carvalho, este processo que está sendo realizado pela UFBA através de um convênio ainda vai levar no mínimo mais três anos para ser concluído.

A biblioteca encontra-se desativada. Seus livros centenários estão empoeirados e desorganizados. O diretor justifica-se pela falta de profissionais qualificados para catalogar, limpar e organizar os livros. A vice-diretora Celeste Moraes afirma que o Estado há anos não realiza concurso público para o setor administrativo: bibliotecário, secretaria, entre outros. Esta falta de profissionais qualificados prejudica a organização da instituição.

Atualmente o corpo docente é composto por 85 professores, sendo que a maioria trabalha 40 horas por

semana e muitos deles são antigos na casa. Há três anos o diretor da escola é o professor Jorge Nunes, o vice-diretor do turno matutino é o professor Gerson Carvalho e no vespertino é a professora Celeste Moraes, ambos no cargo há um ano.

O Central foi um colégio de referência na Bahia, conhecido pela sua qualidade de ensino, seus cursos técnicos e profissionalizantes, o corpo docente de excelência. Escola que teve alunos como o senador Antônio Carlos Magalhães, entre outros. Conhecido também pela sua fanfarras, que emocionava a todos nos desfiles de sete de setembro e dois de julho.

A instituição ainda é muito procurada por sua boa localização, oferece o ensino médio regular e curso profissionalizante de informática para a comunidade. Hoje, o colégio tenta recuperar a credibilidade.

Os laboratórios não estavam funcionando, mas, estão sendo reabertos pela direção para aulas práticas de química, física e biologia, em parceria com a UFBA.

A direção afirma que adotou uma política, que só abre espaço para instituições que tragam benefício aos alunos. Segundo o vice-diretor Prof. Gerson, as universidades particulares só procuram a escola para fazer uma “utopia” com os alunos, mostrando as vantagens dos seus cursos, levando-os a prestarem



Pavilhão onde funcionam as salas de Ensino Médio.

vestibular nessas faculdades, sendo que segundo o diretor, eles nunca terão condições financeiras para pagar a mensalidade. O vice-diretor critica essa atitude das universidades e comunica que a direção tomou a decisão de proibir a divulgação destas no colégio.

A instituição abriu espaço para o FUNCEB, que vai oferecer curso profissionalizante de teatro para os alunos, a partir do segundo semestre deste ano. Com outra parceria, o colégio criou um projeto com o Centro Juvenil de Ciência e Cultura, que irá oferecer para os alunos mini-cursos que atendam as dificuldades dos mesmos. Como por exemplo: cursos de redação, inglês, entre outros.

Atualmente o colégio possui 32 turmas no turno matutino, 04 no vespertino e

24 no noturno. A evasão do turno vespertino é justificada pela procura

dos alunos por estágios e emprego que geralmente são oferecidos no turno da tarde.

A atual direção diz-se preocupada com a situação da escola, que é reflexo da situação da educação na Bahia e no Brasil, por isso, vem buscando parcerias para trazer de volta a credibilidade educacional que a instituição manteve por décadas.

O colégio convive com o descaso do poder público em relação às escolas e aos professores que são um reflexo da situação educacional do país. Mantém a parte física limpa e conservada e procura oferecer aos alunos um mínimo de qualidade de ensino.





# Central em Fotos



**Superior esquerdo:** Prédio principal, onde hoje funcionam diretoria, secretaria, sala dos professores e algumas salas de aula. **Inferior esquerdo:** Pavilhão principal (Prof. Francisco Conceição Menezes). **Superior direito:** Pavilhão Rio Branco, onde funcionam as salas de Ensino Fundamental. **Inferior direito:** Pavilhão Carlos Santana onde funciona a biblioteca e uma escola de música não vinculada ao Central.

# A palavra de uma ex-aluna!

Janine Macedo da Cidade em Letras (e Fotos) entrevistou Rosilda Santos de Jesus sobre sua experiência como aluna do Colégio Central.

*Cidade: Quanto você estudou no Central?*

Rosilda: Estudei no Central no ano de 1982, há 28 anos.

*Cidade: O que você sabe sobre a história do colégio?*

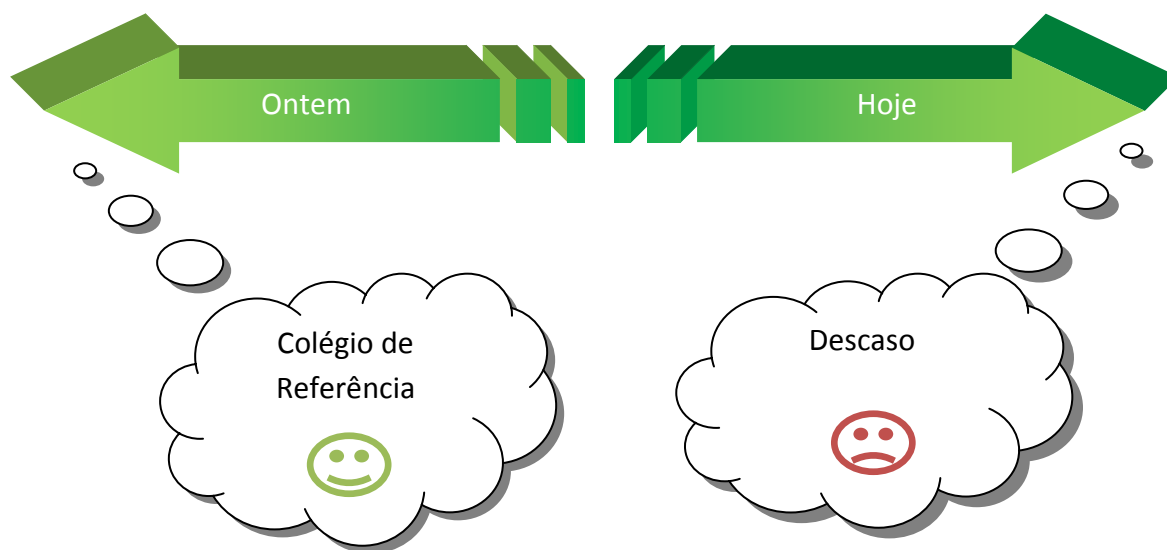
Rosilda: O Central é um colégio centenário. Possui quase 190 anos de existência. Ele já foi um colégio referência da Bahia, que formou grandes nomes da sociedade entre eles o ex-senador Antônio Carlos Magalhães. O colégio oferecia cursos técnicos capacitando o aluno para o mercado de trabalho entre os quais Química e Técnico em Laboratório.

*Cidade: Até que ponto o colégio influenciou na sua formação?*

Rosilda: No Central eu desejei crescer e me tornar um profissional qualificado para o mercado de trabalho, pois na época existiam os cursos técnicos profissionalizantes. Ele estimulava a prática de esportes através das aulas de Educação Física e também o patriotismo através da banda estudantil. Os alunos participavam de um Ato Cívico: os desfiles (que eram maravilhosos...). Pena que hoje essa banda que era tão reconhecida na Bahia já não exista mais.

*Cidade: Hoje, você indicaria este colégio?*

Rosilda: Há alguns anos sim, mas atualmente não devido ao descaso dos governantes e da escola com a educação.



## A comunidade fala!

Sou aposentado e ex-aluno do Central. Estudei o primeiro e segundo grau, assim denominados na época. O Central era simplesmente o melhor colégio da minha época. As vagas eram muito disputadas, pois o ensino era de qualidade assim como a estrutura e os professores. Os cursos técnicos e profissionalizantes oferecidos ajudaram no início da minha carreira, mas acabei prestando vestibular e passando em Direito. Considero que a qualidade do ensino permitiu e facilitou a minha entrada na universidade. Pelo que tenho ouvido e na minha vivência com a educação dos meus netos, não indicaria o colégio nos dias atuais, pois sei que está muito diferente e que não pode competir com as escolas particulares e seus diferenciais. Sinto saudades do ensino de qualidade numa escola pública.

Dinerges Fernandes Macedo, 65 anos.

Cursei o antigo segundo grau no Colégio Central, no período de 1967 a 1969, naquela época um dos melhores colégios de Salvador e reconhecido como formador de líderes. Compunham seus quadros docentes e discentes expoentes da sociedade baiana de consagrada reputação, sendo a única instituição educacional secundarista pública até 1942, em Salvador. Presenças ilustres na condição de docentes e discentes no Central - Antônio Carlos Magalhães, Antônio Sérgio Gabrielli, Aristides Maltez, Calazans Neto, Carlos Lacerda (pianista), Cid Teixeira, Cláudio Veiga, Edivaldo Boaventura, Egas Moniz Barreto de Aragão (Pethion de Villar), Eraldo Tinoco, Glauber Rocha, João José Reis, João Ubaldo Ribeiro, Jorge Calmon, Lídice da Matta, Luiz Henrique Dias Tavares, Raul Seixas, Sócrates Marback, Ubiratan Castro de Araújo, Waldir Pires, entre outros. O sistema de ensino na época era fortemente centralizado, um verdadeiro bloco monolítico que uniformizava conteúdos e formas de avaliação. Não pude ter uma visão ampla do que seja um supervisor, ou coordenador, pois o diretor da escola era praticamente o único gestor, executando assim, várias funções.

Marlene Ferreira dos Santos, 65 anos

## *E a educação na cidade...*

A escola pública de ontem é diferente da escola pública de hoje, mudou a clientela, mudaram os professores, as práticas e os valores. Mudaram, igualmente, as condições sociais, políticas e econômicas. Antes a era tecnológica não prevalecia, era época de máquinas de datilografia. Os professores eram mestres; os alunos se empenhavam para estudar e os professores se esforçavam para ensinar. A violência era menor, os valores não eram tão invertidos... Havia também uma orientadora educacional (mas conhecida por Serviço de Orientação Educacional – SOE) onde era encaminhado o aluno caso fosse necessário. Surge hoje uma inquietação: a escola que se quer hoje é uma escola preocupada com a transformação, e não mais com a conservação. Faz-se necessário repensar o processo da sala de aula. A sala de aula existe em função de seus alunos, e cabe ao governo e aos educadores refletir se realmente existe respeito aos alunos em relação ao acesso ao conhecimento, pois é necessário saber quem são eles, de onde vieram, em que contexto vive. Enfim, avaliar o aluno como um todo e não em partes, pois o ser humano é completo.

Maria das Graças Soares, 58 anos

Nosso país está deixando muito a desejar, principalmente na educação. Quando eu não tinha filhos queria que o governo se preocupasse com a saúde e com os empregos, mas agora vejo a situação de meus filhos e quero uma boa educação para eles. Como não tenho dinheiro para pagar uma escola particular, sofro todo ano com as matriculas, falta de material, falta de professores, violência no colégio e tudo mais. Na minha cabeça é o seguinte: ou eu ganho na loteria ou meus filhos terão uma educação mais ou menos.

Paulo Alexandre Silva Souza, 35 anos

Estou fazendo faculdade porque consegui bolsa e só terei que pagar depois de um ano de formada. Então espero estar ganhando o suficiente para isto. Se não fosse a bolsa, não sei quando iria fazer uma faculdade. Comecei estudando em escola particular, mas quando meus pais foram demitidos, fui para a pública e é muito diferente! Falta tudo e todos! Se não fosse minha vontade de crescer, acho que não conseguiria e estaria igual a algumas colegas: trabalhando sem concluir o nível médio. A educação em Salvador precisa criar oportunidades para todos os níveis sociais e para os imprevistos também como o desemprego. Quer dizer que quem tem filho e fica desempregado tem que colocar numa escola pública ruim? A educação ainda é muito ruim, acho que não só aqui como em qualquer Estado.

Cristina Junqueira Costa, 26 anos

# Biografia de um educador

**Prof. Jayme Costa:** Jayme Costa Barros nasceu em 5 de julho de 1938, na cidade de Bonfim de Vilanova da Rainha, hoje denominada como Senhor do Bonfim. Filho de José de Barros e Isaura Costa Barros. Veio para Salvador com 3 anos de idade. Aqui deu início a sua vida escolar. Durante 8 anos estudou no Seminário Central da Bahia. Fez o Curso de Letras Neolatinas na então Faculdade Católica de Filosofia da Bahia. Curso que concluiu em 1961. De 1962 a 1968 ensinou na referida Faculdade as disciplinas Teoria da Literatura e Literatura Brasileira. Com isso a Faculdade Católica de Filosofia da Bahia foi à primeira faculdade em Salvador a ter em seu currículo a disciplina Teoria da Literatura.

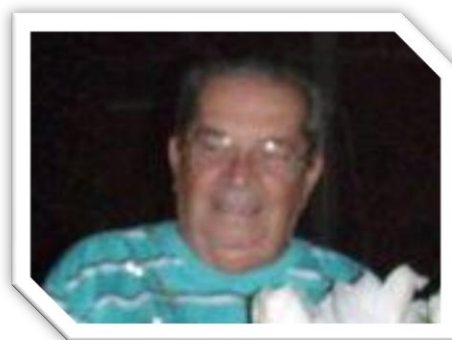
O professor Jayme também lecionou no ensino médio. Nos Colégios Antonio Vieira, Maristas, Social, São Paulo, UCBA e dois de Julho. Em 1987, associou-se a um professor Física, criando o Curso Módulo, que se transformou no então Colégio Módulo. Foi professor das escolas públicas ICEIA e Luís Viana, desempenhando durante um ano a função de Diretor de Cultura no Teatro Castro Alves. Em 1968 foi Diretor Municipal de Educação. Atualmente é sócio-diretor do Colégio Módulo, mas não abandonou a sala de aula.

Jayme Costa Barros também contribuiu para o acervo literário do nosso país,

publicando vários módulos didáticos de Literatura e Gramática. Pela editora Moderna (SP 1981) publicou ENCONTROS DE REDAÇÃO, que por muito tempo fez parte da bibliografia indica pela UFBA para o vestibular. Hoje é edição esgotada.

Atualmente suas preocupações se direcionam para o estudo sobre educação e literatura. O fato de estar sintonizado com as teorias e estudos educacionais lhe são importantes para dirigir o Colégio Módulo. Tem como interesse marcante em sua vida o estudo da literatura, sobretudo, brasileira e africana que são objetos de pesquisas constantes. Participa com outros profissionais liberais, com antigos alunos do Vieira e do Módulo do Clube de Leitores que, se reúne quinzenalmente para conversar sobre obras literárias.

É casado com Maria da Paz, professora. Tem dois filhos: Suely e Luís Carlos e três netos: Thiago, Thais e Beatriz.



# Tirinha!!!

